



Ministério da Cultura
e Instituto Cultural Vale
apresentam

BOU

1ª Bienal das
Amazônias

04 AGO-05 NOV 2023

Belém, PA

águas como
fonte de
imaginações
e desejos





1ª Bienal das Amazônias



Ministério da Cultura
e Instituto Cultural Vale
apresentam

bubúia

águas

como

fonte de
imaginações

e desejos

1ª Bienal Das
Amazônias

Bienal das Amazôniaas

A partir do dia 3 de agosto, 121 artistas/coletivos ocuparão espaço de 7,6 mil metros quadrados em Belém, capital do Pará. A mostra abre ao público no dia 4 de agosto de 2023.

Belém, Amazônia paraense — Uma Bienal de Arte tão superlativa quanto as regiões que busca representar. Em sua primeira edição, a Bienal das Amazôniaas tem como tema “**Bubuia: Águas como Fonte de Imaginações e Desejos**” e abrirá ao público no dia 4 de agosto e estender-se-á até novembro.

Criada com a proposta de despertar a reflexão sobre como se faz arte na região sem estereótipos, a nova instituição de arte ao Sul global reunirá 121 artistas/coletivos de oito países da Pan-Amazônia, além da Guiana Francesa. Do Brasil, estarão presentes representantes dos nove Estados da Amazônia Legal.

Quebra de paradigmas — O local da Bienal não poderia ser mais simbólico ao que essa nova instituição se propõe desde sua nascente e ocorrerá em um espaço que já foi a maior loja de departamentos de seu tempo: quatro pavimentos e 7,6 mil metros quadrados, no centro comercial da capital paraense.

Esses espaços, outrora ocupados com roupas, alimentos e eletrodomésticos, agora serão cenário da arte produzida por 115 artistas, entre convidados ou selecionados pelo corpo curatorial Sapukai, por meio de edital.

Durante três meses, o público terá uma amostra do que se faz de arte na Bolívia, Colômbia, Equador, Peru, Venezuela, Suriname, Guiana, Guiana Francesa e Brasil (Acre, Amapá, Amazonas, Pará, Rondônia, Roraima, Mato Grosso, Tocantins e Maranhão, para além de outros estados brasileiros), unidades de um todo, da Pan-Amazônia.

A escolha do espaço, diverso dos habituais museus e galerias e o foco nos artistas das Amazôniaas, é parte da estratégia incorporada pela Bienal de romper com os “usuais” modos de fazer arte, considerando métodos, estética, materiais, espaços e narrativas.

A expectativa é que a médio e longo prazo, a instituição possa fortalecer e dinamizar as metodologias amazônicas no que tange às produções simbólica e artística.

Uma das metas é impulsionar o intercâmbio entre criadores e espectadores de todos os países e Estados que compõem a região, bem como as demais regiões do mundo, em especial o Sul Global.

As atividades previstas para Belém e outras cidades da Amazônia Brasileira devem atender direta e indiretamente cerca de 300 mil pessoas até 2024.

Novo horizonte — Ao criar esse espaço de protagonismo das artes amazônicas, a Bienal quer se firmar como uma instituição de arte que nasce no Sul Global (América Latina) e potencializa o poder narrativo dos povos amazônicos, em muito invisibilizado ou tomado por terceiros.

No entender da idealizadora da Bienal e diretora executiva, a produtora cultural Lívia Condurú, essas ações planejadas pela instituição geram “o deslocamento do debate sobre as artes, seu status quo e poderes de transformação econômica e social, que, historicamente, tem partido dos eixos dominantes do mercado das artes”.

Lívia observa que, apesar da multiplicidade de realidades vividas nos Estados e países que compõem a Amazônia Legal, “estamos habituados a assistir pessoas e projetos usando o nome da Amazônia de maneira rasa e irresponsável, cheia de conceitos como ‘sustentabilidade, carbono neutro, ‘pulmão do planeta’ que pouco reverberam na realidade local”.

Condurú defende que “é urgente que se enxergue as Amazôniaas para além do seu bioma. Não há floresta que se mantenha em pé, quando toda a sociedade que existe nela não é ouvida, não é ‘convidada’ a participar de maneira ativa do debate”. E esse debate também deve fazer parte das artes.

Por que Amazôniaas? A Pan-Amazônia é formada por oito países localizados na América do Sul, mais a Guiana Francesa que têm a floresta amazônica em seus territórios. Eles apresentam características geográficas comuns do bioma formado pela floresta, pela fauna e pelos rios. Para além de dividirem fronteiras, compartilham modos de vida associados aos recursos naturais – mantendo seus múltiplos territórios, múltiplas formas de viver e contextos históricos próprios.

Múltiplos, singulares e com problemáticas semelhantes — historicamente, seus povos são invisibilizados: uma maneira de manter os modelos de exploração econômica em vigência. Com inúmeros problemas gerados pela cobiça e exploração dos recursos naturais por agentes externos ■

Sapukai faz curadoria coletiva, feminina e diversa

Derivada da língua Tupi, “Sapukai” pode ser traduzida, para o português, como: canto, clamor, grito.

Na Bial das Amazônias, o significado se aproxima da intenção curatorial de fortalecer o que é canto ou grito, de dor, alegria ou pavor dos povos amazônicos expressos nas obras dos artistas.

Sapukai representa o corpo curatorial da Bial das Amazônias, composto por um coletivo de mulheres com perfis diversos, sendo uma indígena, uma cabocla e uma negra. Com consistentes atuações na promoção das artes, elas assumiram a forma “Sapukai” para fazer com que os trabalhos selecionados reflitam a proposta institucional de ampliar as múltiplas vozes da Pan-Amazônia através da arte.

Catarse e revelação — As curadoras contam ter escolhido o termo depois de ouvirem o forte relato feito por Sandra Benites, antropóloga da etnia Guarani Nhandewa e atual diretora de Artes Visuais da Fundação Nacional de Artes - Funarte. Ela viveu um estado de delírio durante a pandemia e transformou isso no artigo “Corpos que Falam: um lugar para as vozes de estudantes de pós-graduação em quarentena”.

Longe de seu território e isolada em um apartamento na cidade onde cursava o mestrado, Sandra se deparou com a realidade muito diferente da aldeia. Entre os seus, ela vivia o coletivo, enquanto ali, naquele momento, se viu sozinha, condição comum no mundo ocidental e individualista.

“Lembrei da xe djaryi, minha avó, e fiquei muito emocionada. Comecei a chorar, no fundo, e a gritar (sapukai), que não é grito e sim um canto sagrado que eu sempre ouvia no meu sonho. Minha avó dizia que todas nós mulheres temos nossos cantos. O grito sapukai vem da garganta da mulher, dona da voz alta e fina, a voz nhakyrã da cigarra, que é da mulher. Toda mulher tem seu canto sagrado. Ele pode surgir a qualquer momento, na tristeza, na alegria, na raiva ou num momento de enfrentamento, como naquele dia”, relata em seu artigo.

“A Sapukai nasce da escuta de muitas outras vozes, não só as de cada uma das quatro curadoras, mas, principalmente, as vozes dos artistas reunidos

neste projeto. Assim, juntas e com diferentes soluções e conduções exercitamos o romper de estereótipos. São quatro pessoas feminilizadas que se encontraram para desfrutar um tempo de troca, de construções e desconstruções”, sustentam.

Também busca novas referências para pensar a curadoria como ação coletiva e coletivizante. A expectativa é que as Amazônias sejam vistas em suas múltiplas perspectivas e possibilidades, assim como a arte, enxergando expressões artísticas que nem foram reconhecidas como tal por causa do padrão em vigor.

Navegando pelo corpo curatorial

Keyna Eleison é curadora, escritora e pesquisadora; narradora, cantora, cronista ancestral, gestora cultural. Com Mestrado em História da Arte e especialista em História e Arquitetura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). É ainda bacharel em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Membro da Comissão do Patrimônio Africano para lauriação da região do Cais do Valongo como Patrimônio da Humanidade (UNESCO). Foi gestora de todos os centros culturais do Município do Rio de Janeiro, no período de novembro de 2015 até janeiro de 2017. Cordenadora Pedagógica da Escola Livre de Artes Visuais - Parque Lage entre 2018 e 2019. Em sua extensa experiência, ainda foi curadora da 10ª Bial Internacional SIART, na Bolívia e diretora artística do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), entre 2020 e 2023. Atualmente, é cronista da “Contemporary &” e curadora da Bial das Amazônias 2023. Sua atuação é significativa no desenvolvimento de exposições e significados de obras de arte e artistas, orientação de processos artísticos, curadoria de exposições, ensino de arte, tendo como precedente na coordenação em educação artística e narrativa o reforço à relação de passagem e captura de conhecimento oral.

Pertencente ao povo Guarani Nhandewa, **Sandra Benites** é educadora, pesquisadora e curadora, radicada no Rio de Janeiro (RJ), onde é Doutoranda em Antropologia Social pelo Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Foi curadora adjunta do Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP), sendo a primeira curadora indígena contratada por uma instituição de arte no Brasil. Seus projetos curatoriais mais recentes incluem Dja Guata Porã: Indigenous, no Museu de Arte do Rio de Janeiro (MAR) e Sawé, no SESC Ipiranga, Rio de Janeiro. Atualmente é diretora de Artes Visuais da Fundação Nacional de Artes (Funarte).

A paraense **Vânia Leal** é Mestra em Comunicação, Linguagem e Cultura. Curadora Educacional do Projeto Arte Pará, desde 2007 até o presente momento, atua na área de curadoria e pesquisa em Artes, tendo participado de inúmeros júris na área. Avaliadora de seleção Rumos Itaú Cultural edições 2015 e 2016; e 2017/2017. Curadora indicadora Prêmio Pipa 2017. Curadora da Exposição “Mastarel: Rotas Imaginais da artista Elaine Arruda no Banco da Amazônia em 2019 – Belém-PA”. Curadora Exposição Tecidos de Certeza da artista Elisa Arruda na Galeria Elf em 2019 – Belém-PA. Comissão de Seleção do 24º Salão Anapolino de Arte – em 2019. Comissão de Seleção do Edital Rumos Itaú Cultural 2019/2020. Curadora da Exposição Em Casa da artista Elisa Arruda no Banco da Amazônia no ano de 2021, Belém -PA. Organizadora da Coleção Guajará

para o Museu de Artes Plásticas de Anápolis GO no ano de 2021. Curadora da Exposição da Coleção Eduardo Vasconcelos nas Galerias Theodoro Braga e Benedicto Nunes no Centur em Belém PA no ano de 2021. Curadora da primeira Bienal das Amazônias em 2022 e 2023. Júri do Programa de Residências do Instituto Inclusartiz – RJ em 2022. Comissão Julgadora do 32º Programa de Exposições CCSP – Centro Cultural São Paulo 2022. Curadora da Exposição da Coleção Eduardo Vasconcelos – Desnudo - 2022. Curadora do Projeto Arte Pará 2022. Curadora da Exposição A Inversão do cotidiano da artista Elisa Arruda na Galeria Ruy Meira em Belém, Pará, 2022. Curadora da exposição Gravado na Alma da Coleção Eduardo Vasconcelos no Banco da Amazônia em Belém Pará, 2023 ■



Foto: Fabrício Sousa



1ª Bienal das
Amazônias

Primeira edição: para aprender a bubuiar com os caboclos

As obras que comporão a primeira edição da Bienal das Amazônias terão como tema “Bubuia: Águas como Fonte de Imaginações e Desejos”. O termo, usado pelos caboclos, inspirou a curadoria Sapukai a pensar na sabedoria amazônica de respeitar o fluxo dos rios e da vida que se projeta na floresta. Agora é ver como os artistas transformarão tudo isso em arte.

Na Amazônia localizada na parte paraense, bubuia pode significar o ficar imerso nas águas do rio que corre, sem afundar, observando o que está acontecendo ao seu redor. É uma expressão comum em comunidades que ficam fora dos eixos urbanos, onde as atividades do cotidiano se relacionam diretamente com os rios, seja para a pesca, para o banho ou para o transporte.

Enquanto compunha a curadoria Sapukai, Sandra Benites pontuou que essa cultura local pode ser enxergada a partir da Bienal. Ela explicou que após conversas e pesquisas, se concluiu que a escolha dessa temática serviria para provocar os artistas e os consumidores de arte a pesquisarem sobre a palavra e suas epistemologias já que ela está fora dos padrões linguísticos.

“A palavra é muito importante porque a língua portuguesa é padronizada. Uma palavra traz vários sentidos, significados. E pra você entender, precisa mergulhar nela, como bubuia, por exemplo. Muitas vezes, quando a gente trata a cultura local, é a partir dela que a gente vai entender, trazer esse entendimento daquele lugar, daquele local”, diz Sandra.

A curadora também acredita que ao conhecer a cultura local, a pessoa passa a escutar a narrativa com mais afeto. “Acho que a gente tá fazendo isso. Escutar isso com afeto, de entendimento, que não é uma narrativa comum. É uma narrativa que vai fazendo vida, que vai transformando pessoas. Então, acho que essa é a grande questão”, reforça Sandra.

Para a Sapukai Keyna Eleison, a temática permite “um estudo aprofundado, filosófico, acadêmico, para gente imaginar uma exposição que parte de epistemologias não tão divulgadas nos acordos coloniais”. E a escolha dessa temática faz com que a Bienal provoque mais uma quebra nos padrões ■

bubuia

Serviço

1ª Bienal das Amazônias

Rua Senador Manoel Barata, 400.
Comércio – Belém, Pará, Amazônia

3 de agosto

abertura para convidados e autoridades

4 de agosto a 5 de novembro

aberto ao público, de terça à sexta, das
9h30 às 19h; aos sábados, de 11h às 20h,
e aos domingo de 11h às 18h.

Nossos apoiadores

Projeto realizado por meio da Lei de
Incentivo Federal à Cultura Rouanet.

Patrocínio Master: **Instituto Cultural Vale**
Patrocínio: **Mercado Livre**

Apoio Institucional: **Embaixada da França
no Brasil, Goethe Institut, British Council,
Sistema Integrado de Museus e Memoriais
do Pará, Secretaria de Cultura do Pará,
Governo do Estado do Pará, Fundação
Cultural do Município de Belém, Prefeitura
de Belém, Museu da UFPA, Universidade
Federal do Pará, Fundação de Amparo da
Amazônia (Fadesp) e Instituto Peabiru.**

Apoio: **Prosas, Eletrotransol Tecnologia,
Jurunense Home Center e Light Desing +
Exporlux.**

Mais informações

contato@bienalamazonias.com.br
imprensa@bienalamazonias.com.br

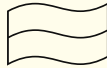
Realização: **Apneia Cultural, Ministério da
Cultura, Governo Federal.**

1ª Bienal das
Amazônias

Amazônia

águas como
fonte de
imaginações
e desejos

LEI DE
INCENTIVO
À CULTURA



PATROCÍNIO MASTER



PATROCÍNIO



APOIO INSTITUCIONAL



INSTITUT
FRANÇAIS



MUSEU
UFPA



Sistema Integrado de
Museus e Memorials

Secretaria
de Cultura



FUMBEL
Fundação Cultural
de Belém

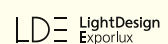


APOIO

prosas



Jurunense



REALIZAÇÃO

apneia*



MINISTÉRIO DA
CULTURA

